



Das margens à margem: as colonialidades do poder, ser e saber e as trabalhadora domésticas pretas

From the margins to the margins: colonialities of Power, Being and Knowing and Black Domestic Workers

Thais Fernandes do Amaral¹

Resumo: Com vistas a ampliar discussões relativas aos estudos da Colonialidade e Decolonialidade na disciplina Ciências da Religião no Brasil, este artigo objetiva responder a seguinte questão: como se articulam as questões da *Colonialidade do Poder, Ser e Saber* e o caso retratado no *podcast A Mulher da Casa Abandonada*? Para tal, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o início se voltará para a compreensão da Colonialidade e suas faces. A seguir serão articulados os dados obtidos no início do texto com o caso do *podcast* e a condição de trabalho doméstico das mulheres pretas no país. Por fim, serão traçados breves intuições relativas às Teorias Descoloniais, necessárias para que haja uma inversão no mapa imaginário que coloca o Norte acima do Sul, em uma relação hierárquica de opostos.

Palavras-Chave: Colonialidade. Decolonialidade. Epistemologias do Sul. Trabalhadoras Domésticas. Trabalho Análogo à Escravidão.

Abstract: In order to expand the discussions regarding Coloniality and Decoloniality studies in the discipline of Science of Religion in Brazil, this article aims to answer the following question: how do the issues of Coloniality of Power, Being and Knowing articulate with the case portrayed in the *podcast A Mulher da Casa Abandonada*? To do so, by means of a bibliographical research, the beginning will turn to the understanding of Coloniality and its faces. Next, the data obtained at the beginning of the text will be articulated with the case of the *podcast* and the condition of domestic work of black women in the country. Finally, brief intuitions will be outlined regarding Decolonial Theories, necessary for there to be an inversion in the imaginary map that places the North above the South, in a hierarchical relationship of opposites.

Keywords: Coloniality. Decoloniality. Epistemologies of the South. Domestic Workers. Labor Analogous to Slavery

¹ Mestra em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, licenciada em Pedagogia com Aprofundamento em Ensino Religioso pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Religião e Cultura da PUC – Minas. <https://orcid.org/0000-0002-4541-1861>. thais77fa@hotmail.com.br



“[...] *A carne mais barata do mercado é a carne negra*
(Dizem por aí)
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra que não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador eleito
Mas muito bem intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)[...]”
(ELZA SOARES, 2002)

Introdução

Em julho de 2022, o *podcast*² *A Mulher da Casa Abandonada* se tornou um dos assuntos mais comentados na *internet*. Presente nas mais diversas plataformas de difusão desse tipo de conteúdo, esse *podcast* da Folha³, como dito em todos os episódios disponibilizados, investigou a história de uma mulher que vivia em um casarão caindo aos pedaços, em um dos bairros mais nobres de São Paulo. Chico Felitti⁴, que narrou e apurou os fatos encontrados, interessou-se pela figura de Mari, uma mulher que escondia-se do mundo por trás de uma espessa camada de pomada branca no rosto e que lutava contra a poda de árvores na região. Esse é o ponto de partida da história narrada. Fazendo emergir alguns *spoilers*⁵, por trás de um nome falso estava uma foragida do *FBI*⁶, acusada de um crime grave: submeter uma empregada

² Podcast é um conteúdo em áudio, disponibilizado através de um arquivo ou streaming.

³ O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do Brasil.

⁴ Francisco Dias Felitti, mais conhecido como Chico Felitti é um jornalista, sociólogo, escritor e roteirista brasileiro.

⁵ Expressão usada quando alguém revela o desfecho ou uma informação importante sobre filmes, séries, livros, podcasts, etc.

⁶ O Federal Bureau of Investigation é uma unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América.



doméstica preta brasileira a condições de trabalho análogo a escravidão, nos Estados Unidos. Essa relação entre Mari e a mulher preta escravizada apresenta as marcas da *Colonialidade* e suas faces: *Poder, Ser e Saber*.

Neste artigo, tendo como pano de fundo o *podcast* supracitado, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busca-se responder à seguinte questão: como se articulam as questões da *Colonialidade do Poder, Ser e Saber* e o caso retratado no *podcast A Mulher da Casa Abandonada*? Visa apresentar as concepções dos pesquisadores dos temas de Colonialidade, Decolonialidade, Epistemologias do Sul e Teorias Descoloniais. Dentre eles destacam-se Nelson Maldonado-Torres (2003, 2007, 2008), Aníbal Quijano (2020), Walter Mignolo (2003, 2007), Paulo Agostinho Nogueira Baptista (2018, 2020) e Cristina Borges (2018, 2020).

1. A Colonialidade e suas faces: Poder, Saber e Ser

Carolina Maria de Jesus⁷, em sua prestigiada obra intitulada *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, fez emergir a compreensão de que “o branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.” (JESUS, 2016, p. 55). A autora teceu sua crítica a partir das reflexões de que a cor não age como diferencial nas mazelas, desejos e necessidades dos seres humanos. Será, então, por meio do discurso enviesado que um ser se coloca como superior a outro. Esse discurso nasce como um dos frutos da *Colonialidade*. Nesse contexto, essa seção tem como objetivo apresentar a *Colonialidade* e suas faces, que perpassam pela questão do Poder, do Saber e do Ser.

A compreensão de um mundo permeado por opostos engloba visões como racional/animal, céu/inferno, homem/mulher, corpo/espírito, branco/preto, vida/morte, bem/mal, dentre diversos outros. Essas oposições denotam, em suma, um ideal de hierarquia entre elementos contidos em uma equação. As raízes dessa compreensão são profundas, cavam sulcos e alimentam-se, ainda em 2023, de uma *Colonialidade*

⁷ Nascida em 1914, Carolina Maria de Jesus foi uma escritora, compositora e poetisa brasileira. Sua obra mais conhecida na literatura foi seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil.



tipicamente europeia. Dessa forma, a fim de evitar desentendimentos ou dúvidas, é preciso salientar que existem diferenças entre *Colonialismo* e *Colonialidade*, pois esses termos costumam ser utilizados em sinonímia. De acordo com os pesquisadores Eliene Amorim de Almeida e Janssen Felipe da Silva,

[...] o Colonialismo teve um fim com as independências dos países colonizados, enquanto que a Colonialidade seria a lógica e o legado colonial, herdados do colonialismo, que penetrou nas estruturas e instituições e também nas mentalidades, imaginários, subjetividades e epistemologias, e até hoje dão forma e conteúdo às sociedades atuais. (ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 47-48).

Nesse sentido, a *Colonialidade* é filha do *Colonialismo*. Nelson Maldonado-Torres, por sua vez, compreende que

[...] a colonialidade refere-se a um padrão de poder que surgiu como resultado do colonialismo moderno, mas, em vez de se limitar a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, refere-se à maneira como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas são articulados entre si, por meio do mercado capitalista global e da ideia de raça. Assim, enquanto o colonialismo precede a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela continua viva nos livros didáticos, nos critérios para um bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. De certa forma, respiramos a colonialidade na modernidade diariamente. (MALDONADO-TORRES, 2003, p. 131, tradução nossa)⁸.

A *Colonialidade* e suas raízes são, portanto, o que permite a persistência dessa compreensão de mundo por opostos. Para María Lugones,

“Colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a

⁸ [...] la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero que en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y de la idea de raza. Así, pues, aunque el colonialismo precede a la colonialidad, la colonialidad sobrevive al colonialismo. La misma se mantiene viva en manuales de aprendizaje, en el criterio para el buen trabajo académico, en la cultura, el sentido común, en la auto-imagen de los pueblos, en las aspiraciones de los sujetos, y en tantos otros aspectos de nuestra experiencia moderna. En un sentido, respiramos la colonialidad en la modernidad cotidianamente.



produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas reações intersubjetivas. (LUGONES, 2020, p. 50).

O pesquisador Gerson Galo Ledezma Meneses afirma que, “para o caso dos povos originários de Abya-Yala, não existia até 1492 distinção alguma entre homens e mulheres, entre objetos e sujeitos, entre homens/mulheres e animais, ou entre deuses e deusas e homens, plantas e animais.” (MENESES, 2020, p. 50). De acordo com Carlos Walter Porto-Gonçalves,

ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. A expressão foi usada pela primeira vez em 1507, mas só se consagra a partir do final do século XVIII e início do século XIX, por meio das elites crioulas, para se afirmarem no processo de independência, em contraponto aos conquistadores europeus. Muito embora os diferentes povos originários que habitam o continente atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anahuac, Pindorama – a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento. (PORTO-GONÇALVES, 2009, p. 26).

A compreensão de mundo para esses povos não estava contida na equação de opostos. O mesmo pode ser observado nas sociedades do continente africano. No início do século XIX, a exemplo, na região de Kano, cidade localizada na Nigéria,

O trabalho não era nitidamente dividido por gênero. Todo mundo participava da sementeira: os homens cavavam buracos no solo para ali depositar as sementes, ao passo que mulheres e crianças as recobriam de terra. Os adultos dos dois sexos cuidavam da capina enquanto as crianças guardavam os carneiros, as cabras e outros animais domésticos. As mulheres juntavam no meio do campo os feixes colhidos pelos homens. Além da rede de relações sociais e culturais que, em alguns casos, implicavam o trabalho em comum e a troca dos produtos, havia o que era chamado de *gayya* (trabalho comunitário), realizado pelos habitantes de uma aldeia de forma voluntária [...] (AJAYI, 2010, p. 18).



Compreende-se, portanto, que a hierarquia disposta na equação homem/mulher foi, provavelmente, importada do seio dos europeus invasores. De acordo com María Lugones,

Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. (LUGONES, 2014, p. 936).

Não obstante,

Desde que foram empregadas as noções de “brancos” e “negros”, para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria, entre outras, e condenado ao trabalho forçado, o africano passou a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior àquela do negro. (AJAYI, 2010, p. 20).

Pode-se afirmar, que também não havia uma relação de opostos entre os povos de Abya Ayala e a natureza, haja visto que, “em matéria de recursos naturais, se os territórios indígenas são tão ricos em recursos é porque durante séculos eles têm interagido com a natureza de maneira harmoniosa, alcançando um conhecimento que lhes tem permitido levar adiante um uso sustentável de seus recursos.” (CAVALLO, 2018, p. 376). Nesse sentido, “[...] não podemos separar colonialidade do ser e da natureza, pois assim não conseguimos entender a relação do SER e da natureza, e do SER relacionado apenas com a razão, como no caso dos homens brancos invasores, conquistadores, estupradores.” (MENESES, 2020, p. 60).

Aborda-se essa temática de um mundo marcado pela equação de opostos a fim de exemplificar como um conhecimento pode ser difundido como universal. Todavia,



tal conhecimento único não representa a totalidade possível. Dessa forma, quando o foco de estudos volta-se para as Epistemologias do Sul⁹, evidencia-se que a compreensão de mundo por opostos não engloba a todos os povos, pelo contrário, limita intencionalmente o conhecimento que será difundido, exemplificando, assim, em como se alicerça os pilares da *Colonialidade do Saber*. Os povos originários de Abya Ayala e os povos escravizados do continente africano são, a saber, os grupos focais dessas Epistemologias do Sul.

O *podcast*, pano de fundo deste texto, fez emergir uma compreensão por opostos tipicamente retratada na época da invasão europeia por todo mundo: branco/preto. Dentro dessa relação entre Mari e a mulher a qual ela escravizou, está presente um conceito fundamental: a *Colonialidade do Ser*, mas também perpassa pela do *Poder* e a do *Saber*. Dado esse contexto, e tendo como fonte o pesquisador Walter Mignolo, pode-se partir do século XVI onde

[...] missionários espanhóis julgavam e hierarquizavam a inteligência e civilização dos povos tomando como critério o fato de dominarem ou não a escrita alfabética. Esse foi um primeiro momento para a configuração da diferença colonial e para a construção do imaginário atlântico, que irá constituir o imaginário do mundo colonial/moderno. (MIGNOLO, 2003, p. 23).

Dessa forma, os povos do Sul, em grande parte dotados de uma cultura, tradição e sabedoria ágrafa, não foram considerados inteligentes nos moldes europeus. Logo, suas epistemologias não obtiveram qualquer *status*. Esses povos tampouco eram compreendidos como civilizados, sendo a eles destinada uma condição animalésca. Assim,

[...] foi com a invasão de Abya Yala e a invenção da América Latina e da categoria raça, e não classe, como princípio articulador e organizador da produção e distribuição das riquezas, somado à razão eurocêntrica produzindo e disseminando conceitos e categorias pretensamente universais, que surge esse novo padrão/matriz mundial de poder, que permitiu ao Projeto Moderno eurocêntrico se tornar hegemônico mundialmente. [...] O Projeto Moderno e eurocêntrico é um fenômeno eminentemente europeu e não planetário, mas que se tornou hegemônico pela **colonialidade do poder**, compondo-se a partir desse contexto como um novo paradigma de vida cotidiana, de

⁹ “uma epistemologia do sul assenta em três orientações: aprender que existe o sul; aprender a ir para o sul; aprender a partir do sul e com o sul.” (SANTOS, 1995, p. 508)



compreensão da história, da ciência e da religião. Nesse novo paradigma, a Europa se apresenta como a civilização moderna e se autodescreve como superior e desenvolvida, como o novo e o mais avançado da espécie humana, enquanto que os demais povos são atrasados, primitivos, bárbaros e precisam ser “salvos” dessa condição, mesmo que para isso seja necessária à utilização do genocídio, etnocídio, epistemicídio etc. (ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 60-61, grifo nosso).

Nessa perspectiva, para negritar o que de fato implica ser a *Colonialidade do Ser*, faz-se necessário tratar sobre a *Colonialidade do Poder*, pois essas duas entrelaçam-se. Partindo de Aníbal Quijano, essa questão do poder

[...] é caracterizado como um tipo de relação social constituída pela co-presença permanente de três elementos: **dominação, exploração e conflito**, que afeta as quatro áreas básicas da existência social e que é o resultado e a expressão da disputa pelo controle sobre elas: 1) trabalho, seus recursos e seus produtos; 2) sexo, seus recursos e seus produtos; 3) autoridade coletiva (ou pública), seus recursos e seus produtos; 4) subjetividade/intersubjetividade, seus recursos e seus produtos. As formas de existência social em cada uma dessas áreas não surgem umas das outras, mas também não existem, nem operam, separada ou independentemente umas das outras. Pela mesma razão, as relações de poder que se constituem na disputa pelo controle dessas áreas ou esferas da existência social não nascem nem derivam umas das outras, mas não podem existir, a não ser de forma intempestiva e precária, umas sem as outras. Ou seja, eles formam um complexo estrutural cujo caráter é sempre histórico e específico. (QUIJANO, 2020, p. 1, grifo nosso, tradução nossa)¹⁰.

Esses três elementos descritos por Aníbal Quijano - dominação, exploração e conflito - foram de fundamental importância para o surgimento de uma concepção de um planeta dividido por uma linha imaginária que demarca os territórios do Norte e do Sul. Ao Norte estão aqueles considerados civilizados, humanos, brancos e racionais. Norte por estar acima, perto do céu, lar do deus cristão. Ao Sul estão os considerados

¹⁰ [...] es caracterizado como un tipo de relación social constituído por la co-presencia permanente de tres elementos: dominación, explotación y conflicto, que afecta a las cuatro áreas básicas de la existencia social y que es resultado y expresión de la disputa por el control de ellas: 1) el trabajo, sus recursos y sus productos; 2) el sexo, sus recursos y sus productos; 3) la autoridad colectiva (o pública), sus recursos y sus productos; 4) la subjetividad/intersubjetividad, sus recursos y sus productos. Las formas de existencia social en cada una de dichas áreas no nacen las unas de las otras, pero no existen, ni operan, separadas o independientes entre sí. Por eso mismo, las relaciones de poder que se constituyen en la disputa por el control de tales áreas o ámbitos de existencia social, tampoco nacen, ni se derivan, las unas de las otras, pero no pueden existir, salvo de manera intempestiva y precaria, las unas sin las otras. Esto es, forman un complejo estructural cuyo carácter es siempre histórico y específico.



primitivos, animais, pretos e irracionais. Sul por estar abaixo, perto do inferno cristão. Ainda para Quijano,

O atual padrão de poder global consiste na articulação entre: 1) a colonialidade do poder, ou seja, a ideia de "raça" como fundamento do padrão universal de classificação social básica e dominação social; 2) o capitalismo, como padrão universal de exploração social; 3) o Estado como forma central universal de controle da autoridade coletiva e o Estado-nação moderno como sua variante hegemônica; 4) o eurocentrismo como forma hegemônica de controle da subjetividade/intersubjetividade, especialmente no modo de produção do conhecimento. (QUIJANO, 2020, p. 1, tradução nossa)¹¹.

Assim foi forjada a *Modernidade*, através do “[...] choque colonial, na busca pelo estabelecimento de novas identidades, especialmente do homem branco pensante. Este se constituiu então baseado nos interesses do nascente sistema-mundo capitalista/colonial/ moderno e patriarcal, pois as bases desse sistema-mundo seriam judaico-cristãs.” (MENESES, 2020, p. 51). De acordo com Enrique Dussel,

A modernidade, então, é um fenômeno que vai se mundializando; começa pela constituição simultânea da Espanha com referência à sua “periferia” (a primeira de todas propriamente falando, a Ameríndia: o Caribe, o México e o Peru). Simultaneamente, a Europa (comum à diacronia que tem um antecedente pré-moderno: as cidades italianas renascentistas e Portugal) irá se transformando no “centro” (com um poder super-hegemônico que, da Espanha, passa para Holanda, Inglaterra e França...) sobre uma “periferia” crescente (Ameríndia, Brasil e as costas africanas de escravos, Polônia, no século XVI); afiançamento de América Latina, América do Norte, o Caribe, as costas da África e da Ásia e a Europa oriental, no século XVII; [...] Então a modernidade seria, para este paradigma mundial, um fenômeno próprio do “sistema” com “centro e periferia”. (DUSSEL, 2007, p. 52).

A modernidade “[...] organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis.” (LUGONES, 2014, p. 935). Não obstante, “é importante destacar que a Modernidade e a Colonialidade são faces de uma

¹¹ El actual patrón de poder mundial consiste en la articulación entre: 1) la colonialidad del poder, esto es la idea de “raza” como fundamento del patrón universal de clasificación social básica y de dominación social; 2) el capitalismo, como patrón universal de explotación social; 3) el estado como forma central universal de control de la autoridad colectiva y el moderno estado-nación como su variante hegemónica; 4) el eurocentrismo como forma hegemónica de control de la subjetividad/ intersubjetividad, en particular en el modo de producir conocimiento.



mesma moeda, ou seja, a Colonialidade é constitutiva da Modernidade, e não derivada. A Colonialidade é a face obscura da Modernidade.” (ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 47-48). Nelson Maldonado-Torres afirma que

Foi com base nestas reflexões sobre a modernidade, a colonialidade e o mundo moderno/colonial que surgiu o conceito de colonialidade do Ser. A relação entre poder e conhecimento conduziu ao conceito de ser. E se, então, existia uma colonialidade do poder e uma colonialidade do conhecimento (colonialidade do saber), pôs-se a questão do que seria a colonialidade do ser. (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 89).

No seio de todo esse movimento estavam presentes as comunidades dos povos originários de Abya Ayala e os pretos e pretas escravizados do continente africano, submetidos ao genocídio e uma violência colonial. Violência essa que os desnudou de seus nomes, crenças, tradições, culturas, inteligência e simbiose com a natureza para os transvestir com as imposições dos europeus invasores. Houve então uma “[...] hierarquia que classificou pessoas numa escala de poder, de saber, do ser, do gênero e da natureza. Criou-se, assim, uma relação entre objetos e sujeitos. Os sujeitos seriam os homens brancos conquistadores e colonizadores, racionais, pensantes [...]” (MENESES, 2020, p. 52-53). Esses sujeitos não brancos foram escravizados, inferiorizados, violentados e tiveram seus deuses depostos. As mulheres pretas e as dos povos originários foram estupradas e colocadas em caráter de servidão para os homens brancos civilizados. O genocídio sofrido por esses dois povos também implica ser um genocídio intelectual. E, nesse momento, retorna a questão da *Colonialidade do Saber*, citada anteriormente, que implica ser

[...] uma soberania em relação à forma como se pensava e se produzia conhecimento. Essa soberania era pautada em modelos epistemológicos hegemônicos dentro da ciência moderna, de forma a subalternizar as formas desviantes daquela institucionalizada, impedindo sua emergência ou cerceando seu desenvolvimento. Ao contemplarmos a relação intrínseca entre modernidade e colonialidade, é difícil não pensar nas relações entre nações na modernidade sem levar em consideração a dimensão colonial. É paripassu com a modernidade e o imperialismo colonial das nações europeias, associados intrinsecamente à expansão do capitalismo, que a colonialidade do poder e do saber se originam. (SILVA; BALTAR; LOURENÇO, 2018, p. 70).



Esse genocídio intelectual é uma forma de violência epistêmica, que apresenta em seu prisma os reflexos das relações de poder e dominação. Dessa forma,

[...] há também uma colonização cultural e epistemológica que se concretiza na colonialidade do saber, que implicou a hegemonização de um sistema de representação e conhecimento da Europa e da Europa. Portanto, esse dispositivo de poder, uma vez universalizado e naturalizado, subalternizou outras representações e conhecimentos, que foram relegados a meros objetos de conhecimento, silenciados e sem o poder de enunciação. [...] A colonialidade como ideologia, portanto, também serviu para justificar os abusos da imposição de uma ordem colonial. Além da legitimação da agressão, foi erigido o pretexto da modernização [...] (GÓMEZ-QUINTERO, 2010, p. 90, tradução nossa)¹².

Os europeus invasores, ao não perceberem o outro como um ser humano o colocou em condição quase animal. Essa falta de compreensão abriu precedentes para compreender os povos originários e os povos do continente africano em sinonímia a produtos que podem ser explorados e comercializados. Essa relação entre invasor e invadido pode ser um definidor do conceito de *Colonialidade*. Quando um povo, apoiando-se em justificativas de cunho científico enviesado ou teológicas, se autointitula como colonizador, o extermínio físico, cultural e tradicional lança suas teias. Colonizador, pensando pela Epistemologia do Sul, é sinônimo de invasor. De acordo com Nelson Maldonado-Torres,

A ideia era que se, além da colonialidade do poder, havia também a colonialidade do conhecimento, então poderia muito bem haver uma colonialidade específica do ser. E se a colonialidade do poder se refere à inter-relação entre as formas modernas de exploração e dominação, e a colonialidade do conhecimento tem a ver com o papel da epistemologia e as tarefas gerais da produção de conhecimento na reprodução dos regimes coloniais de pensamento, então a colonialidade do ser se refere à experiência vivida da colonização e

¹² [...] se produce también una colonización cultural y epistemológica que se concretiza en la colonialidad del saber, que supuso la hegemonización de un sistema de representación y conocimiento de Europa y desde Europa. Por tanto, este dispositivo de poder, una vez universalizado y naturalizado, subalternizó otras representaciones y saberes que quedaron relegados a simples objetos de conocimiento, silenciados, y sin poder de enunciación. [...] Por tanto, la colonialidad como ideología ha servido igualmente para justificar los abusos de la imposición de un orden colonial. Además de la legitimación de la agresión, el pretexto de la modernización se erigió [...]



seu impacto sobre a linguagem. (MALDONADO-TORRES, 2003, p. 130, tradução nossa)¹³.

Na relação entre invasor e invadido, entrecortado pela *Colonialidade do Poder* e a *Colonialidade do Saber* há a *Colonialidade do Ser*. Conceito esse que “[...] surgiu em discussões por um grupo diversificado de intelectuais que trabalhavam em questões relacionadas à colonialidade e descolonialidade do poder. Em particular, devemos o conceito a Walter Mignolo, que refletiu sobre ele há mais de uma década.” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 127, tradução nossa¹⁴). De acordo com Cristina Borges,

A colonialidade do ser, portanto, denuncia que relações raciais são relações permeadas pela ideia de existência de diferentes níveis de humanidade. Muito provavelmente, a certeza de graus de humanidade explica as mais variadas tentativas históricas de demonstrar sua existência tanto pela história quanto pela biologia, ou mesmo pela genética. (BORGES, 2018, p. 2265).

A *Colonialidade do Ser* tem raiz racial e eleva o branco europeu como padrão a ser seguido, bem como parâmetro para definir o que é moderno, o que é científico, dentre outras formas de imposição.

O SER europeu, baseado no egoísmo, no SER individual, sem sentimentos, sem compreensão do “outro”, que é apenas objeto, visto assim pelo sujeito branco e racional, possuidor de um SER para si, não permitiu algum tipo de alteridade que considerasse o “outro” como um SER sem o qual não é possível a alteridade, pois o ser europeu não visualizou o rosto do “outro”, apenas o entendeu a partir de si próprio. (MENESES, 2020, p. 59).

É uma maneira de retirar o sujeito que foge da branquitude determinante de seu horizonte e *coisificá-lo*, o tornando um objeto. E os objetos podem se tornar mercadorias, como exemplificado no *podcast A Casa da Mulher Abandonada*, que traz

¹³ La idea era que si en adición a la colonialidad del poder también existía la colonialidad del saber, entonces, muy bien podría haber una colonialidad específica del ser. Y, si la colonialidad del poder se refiere a la interrelación entre formas modernas de explotación y dominación, y la colonialidad del saber tiene que ver con el rol de la epistemología y las tareas generales de la producción del conocimiento en la reproducción de regímenes de pensamiento coloniales, la colonialidad del ser se refiere, entonces, a la experiencia vivida de la colonización y su impacto en el lenguaje.

¹⁴ “[...] surgió en discusiones de un diverso grupo de intelectuales que trabajan en torno a asuntos relacionados con la colonialidad y decolonialidad del poder. Particularmente, le debemos el concepto a Walter Mignolo, quien reflexionó sobre el mismo hace ya más de una década.”



também o caso de Madalena Gordiano, mulher preta mantida por 38 anos em condições de trabalho análogo a escravidão em Patos de Minas. Madalena começou sendo explorada aos 8 anos de idade, na casa de Maria das Graças Milagres Rigueira, mulher branca e, posteriormente, foi dada por ela a Dalton e Valdirene Rigueira, um casal também de brancos.

A *Colonialidade*, portanto, apresenta várias faces, podendo se remeter ao *Poder*, ao *Saber* e ao *Ser*. Lança suas teias em cada âmbito da existência humana, seja no trabalho, no sexo ou na subjetividade dos sujeitos. Tudo permeado por uma imposição eurocêntrica que segrega, violenta e usurpa. A *Colonialidade* “[...] envolve um complexo sistema de hierarquias, por isso, a rede Modernidade/Colonialidade compreende que além da Colonialidade do poder, há também as dimensões do saber, do ser e da natureza [...]” (ALMEIDA; SILVA, 2015, p. 48). Essa hierarquia atinge também as relações de trabalho, principalmente entre os *patrões* e as trabalhadoras domésticas. Dessa forma, após toda essa contextualização, é o momento de trazer à tona o caso retratado no *podcast A Mulher da Casa Abandonada*.

2. As Faces da Colonialidade e as trabalhadoras domésticas pretas - O caso da Mulher da Casa Abandonada e a necessidade de uma postura Decolonial

O *podcast A Mulher da Casa Abandonada* não retrata um caso de ficção. Margarida Bonetti, nome verdadeiro de Mari, mulher branca e de família rica, junto a seu marido branco, Renê Bonetti, cometeram uma série de crimes, nos anos 90, contra uma mulher preta, trabalhadora doméstica, que levaram para outro país em caráter de servidão¹⁵. A ênfase na cor dos criminosos e da vítima é feita para demonstrar o retrato de uma herança encontrada no Brasil. País que, ao passo em que comemora a Abolição da Escravatura, datada de 13 de maio de 1888, como se, de fato, fosse um movimento concretizado, lê uma crescente de matérias jornalísticas revelando o resgate de pessoas em condição de trabalho análogo a escravidão¹⁶. Um dito popular muito comum diz que

¹⁵ “Nos Estados Unidos, testemunhas relataram que a empregada sofria uma rotina de humilhações e até agressões. Margarida chegou a ser indiciada lá, mas não foi a julgamento.” (FANTÁSTICO, 2022)

¹⁶ “Um total de 212 trabalhadores que prestavam serviços a usinas de álcool e produtores de cana de açúcar foram resgatados em condições análogas à escravidão nesta sexta-feira (17). Os trabalhadores



“brasileiro tem memória curta”, contudo, a mulher da casa abandonada faz emergir a lembrança de que a compreensão do branco/preto como opostos, em uma relação que exala hierarquia, não ficou relegada ao passado.

A *Modernidade* criou periferias ao redor - não geograficamente - dos países referência, os grandes invasores. A exemplo, o Brasil era a periferia de Portugal. As cidades, por sua vez, criam as periferias ao redor dos grandes centros, que exibem arranha-céus imponentes em contraste com as casas simples, geralmente sem reboco de seu entorno. Se, no século XIX, na época das grandes invasões, a mão de obra vinha dos países invadidos que eram as periferias, essa dinâmica mantém-se quase inalterada no século XXI.

Os viventes dessas periferias das grandes cidades sempre tiveram presente a figura da trabalhadora doméstica. São a mãe, a tia, a avó... sempre o feminino da família a quem, graças a oposição homem/mulher tipicamente dos europeus invasores e, se apoiando em alguns preceitos cristãos também da Europa, é assumido como um dom natural a tarefa de cuidar da casa e dos filhos. Nesse contexto

Há um efeito de segregação ocupacional de gênero muito forte em diversas ocupações. Em particular, há maior proporção de mulheres em ocupações que têm uma remuneração menor do que aquelas que são ocupadas majoritariamente por homens, como é o caso do emprego doméstico (mais de 92% dos trabalhadores dessa ocupação são mulheres). O emprego doméstico é também uma das principais ocupações entre as mulheres brasileiras e apresenta um alto grau de informalidade. Em torno de 16% das mulheres ocupadas no mercado de trabalho eram empregadas domésticas em 2014, e, dessas, somente 34% possuíam registro em carteira. (COSTA; BARBOSA; HIRATA, 2016, p. 7).

São mulheres que, com o advento da Lei da Doméstica (Lei Complementar 150/2015)¹⁷, possuem uma jornada de 44 horas, sendo 8 horas de trabalho por dia na

atuavam nos municípios Itumbiara, Edéia e Cachoeira Dourada, no sul de Goiás, e até na cidade de Araporã, em Minas Gerais. O resgate aconteceu nesta sexta-feira, durante uma operação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que durou três dias.” (MACEDO; BRITO, 2023).

¹⁷ “Apesar de constituir uma realidade para muitas mulheres desde a época colonial, o trabalho doméstico remunerado somente foi reconhecido como profissão em 1972, com a promulgação da Lei 5.859 [...] Isso significa, portanto, que até a década de 1970, as trabalhadoras domésticas eram desconsideradas como grupo produtor de um trabalho e objeto de direitos trabalhistas e sociais. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), instituída em 1943, ignorou a existência desta ocupação profissional que, já naquele



casa de outra família. Todavia, por mais que haja uma lei para assegurar os direitos das trabalhadoras domésticas, uma grande parcela desse trabalho é exercido de maneira informal, ou seja, sem a carteira assinada. Isso implica em uma relação de trabalho que, por vezes, não está sob a cobertura da legislação, abrindo precedentes para que os direitos conquistados sejam usurpados. Às vezes, pela dificuldade de locomoção, ou por exigência dos patrões, pernoitam por lá, para que o café da manhã seja posto à mesa quando a *casa grande* acordar.

De carteira assinada ou de maneira informal - às margens da legislação - geralmente são as principais provedoras do seu lar e precisam se contentar com as migalhas do tempo que sobra para dar carinho a sua própria prole e cuidar de sua própria casa. Essas mulheres, em sua maioria, habitam as periferias, que são as margens das cidades, fruto de um projeto urbano para higienizar o centro do sujeito pobre. Elas vem da margem e estão à margem. Nesse ponto é preciso trazer Carolina Maria de Jesus, que escreveu que “a vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (JESUS, 2014, p. 143).

O então ministro da economia Paulo Guedes, no desgoverno de Bolsonaro, em uma de suas muitas falas regurgitadas, ilustrou o lugar socialmente destinado a essas mulheres trabalhadoras domésticas. De acordo com o ministro, “não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Vamos importar menos, fazer substituição de importações, turismo. Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para a Disneylândia, uma festa danada” (VENTURA, 2020). Logo, e voltando ao caso do *podcast* citado, é possível emergir um questionamento: a trabalhadora doméstica preta só pode ir ao exterior na condição de servir uma família branca e rica? Ora, isso não seria retornar aos marcos da escravização? O que se nota são as teias da *Colonialidade* e de suas faces, que se lançam sob os pilares do gênero, da raça e da renda, que estruturam a mulher trabalhadora doméstica: a preta e a pobre. Nesse sentido, a *Colonialidade do Ser*, sendo um conceito que “[...] refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são

momento, empregava um grande contingente de brasileiras, responsáveis pelas tarefas de cuidados com casas e famílias de seus/suas patrões/patroas.” (IPEA, 2011, p. 3).



marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 96), demarca a relação entre Mari e a trabalhadora doméstica escravizada. Relação essa também perpassa pela *Colonialidade do Poder*.

Retornando à história da escravização dos pretos e pretas, uma vez que é impossível desvinculá-la ao se tratar do caso do *podcast*, nota-se que, a partir do século XIX, a invasão dos europeus na África ganhou novos contornos. O advento da

[...] descoberta do quinino - remédio usado no tratamento da malária - permitiu que as viagens e expedições científicas, anteriormente limitadas às rápidas incursões pelas redes fluviais envolvidas no tráfico, pudessem devassar o interior da África. A essas viagens somaram-se, já nas últimas décadas do Dezenove, as ações imperialistas/colonialistas que permitiriam aos europeus o controle de quase a totalidade da África. Nesse momento da montagem e afirmação do colonialismo europeu, houve migração da imagem do africano confundido anteriormente com o escravo para as representações associadas à selvageria, à barbárie e à inferioridade racial. Todos esses elementos seriam selos antagônicos às imagens divulgadas pelos europeus sobre eles mesmos, associadas ao progresso tecnológico, à crença de que suas civilizações seriam superiores, ou ainda à divulgada teoria de que as mentes e estruturas européias seriam as mais complexas do orbe. (OLIVA, 2005, p. 13).

Os europeus invasores, apropriando-se de uma *Colonialidade do Saber*, buscaram justificar a inferioridade racial se apropriando do Darwinismo Social e Determinismo Racial e

[...] os debates entre os cientistas e instituições de pesquisa, acerca das explicações das diferenças entre as sociedades humanas, giravam sempre em torno das justificativas ou explicações ligadas aos referenciais biológicos/raciais ou aos traços sociais/culturais. As sociedades antropológicas reuniam darwinistas sociais, que defendiam ferrenhamente a teoria de que a diversidade humana era resultado das diferenças raciais, responsáveis por tornar os povos superiores ou inferiores/intelectual e fisicamente. Em suas argumentações, a capacidade de constituir civilizações seria qualidade restrita a poucas raças, principalmente a branca, enquanto outras, como a negra africana, estariam impossibilitadas de alcançar o progresso e a civilização. (OLIVA, 2005, p. 15).



Todos esses argumentos foram utilizados para legitimar a ação europeia no continente africano diante das sociedades. Se os pretos e as pretas não fossem considerados civilizados, tampouco seriam considerados pessoas. Dessa forma, e por meio da *Colonialidade do Ser*, acabaram por ser compreendidos pela ótica de objetos. Nesse sentido, “a colonização diz respeito à coisificação dos corpos colonizados.” (STREVA, 2019, p. 23). Nelson Maldonado-Torres afirma que

A existência infernal no mundo colonial traz consigo os aspectos raciais e de gênero característicos da naturalização da não-ética da guerra na modernidade. De fato, ao articular a noção aqui, a colonialidade do ser se refere à normalização de eventos extraordinários que ocorrem na guerra. Enquanto na guerra há violação do corpo e morte, no submundo do mundo colonial a morte e o estupro ocorrem como realidades e ameaças cotidianas. A morte e a violação corporal estão inscritas nas imagens dos corpos coloniais. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 148, tradução nossa)¹⁸.

Como cantava Elza Soares em 2002, a “*carne mais barata do mercado é a carne negra*” e “a cor continua sendo empregada como um ferrete que marca a pele e a classifica, identificando o negro e a negra como procedentes da senzala.” (STREVA, 2019, p. 37). De acordo com dados de 2011 do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada –, no país somam-se mais de 7,2 milhões de trabalhadores domésticos, onde 93% são mulheres e dessas mulheres, 62% são negras¹⁹. Nesse contexto,

Nessa estrutura global, o controle do trabalho se delineia, a partir do século XVI, e surgem as identidades modernas que são associadas às formas de trabalho que o sistema exigia: negro-escravidão; índio-servidão; branco-trabalho assalariado. Impôs-se, portanto, uma divisão racial do trabalho que se estendeu ao estabelecimento de hierarquias sociais e culturais e, porque não dizer, religiosas. A edificação da

¹⁸ La existencia infernal en el mundo colonial lleva consigo los aspectos raciales y de género que son característicos de la naturalización de la no-ética de la guerra en la modernidad. En efecto, de la forma que articulo la noción aquí, la colonialidad del ser se refiere a la normalización de eventos extraordinarios que toman lugar en la guerra. Mientras en la guerra hay violación corporal y muerte, en el inferno del mundo colonial la muerte y la violación ocurren como realidades y amenazas diarias. Mortandad y violación corporal están inscritas en las imágenes de los cuerpos coloniales.

¹⁹ De acordo com um levantamento realizado entre 1999 a 2009, “as mulheres correspondem a 93% do total de trabalhadores domésticos – proporção que não variou ao longo da década – e as mulheres negras a 61,6% do total de mulheres ocupadas nesta profissão. A importância quantitativa do grupo de mulheres negras entre as trabalhadoras domésticas tornou-se maior ao longo dos dez anos aqui analisados, uma vez que, em 1999, este mesmo grupo respondia por 55% do total de trabalhadoras, o que reflete as mudanças na forma de autodeclaração, verificadas para a população como um todo.” (IPEA, 2011, p. 4).



estrutura colonial de poder, portanto, produziu diferenças sociais modernas que serviram como elo intersubjetivo e interpessoal de forma tal, que passam a serem vislumbradas como fenômenos naturais e não como fenômenos da história do poder. (BORGES; BAPTISTA, 2020, p. 25)

Continuando por essa perspectiva do trabalho,

As pesquisas que enfocam a participação dos negros no mercado de trabalho destacam, sobretudo, a expansão e a redução da participação dos negros nos diversos setores. Assim, é conhecido o fato de que os negros estão majoritariamente representados na base da hierarquia ocupacional, nas profissões de baixo status e de prestígio social, em oposição aos brancos, os quais estão sobrerrepresentados no topo da hierarquia ocupacional. (FIGUEIREDO, 2012, p. 25).

Em relato de cunho pessoal, que pode ser lido em citação abaixo, Carolina Maria de Jesus, nas linhas de seu livro, retratou a forma como o negro podia ser compreendido sob o guarda-chuva da Colonialidade do Saber.

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia me: —É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. ...Um dia, um branco disse-me: —Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem. (JESUS, 2014, p. 54)

Por mais que suas peças agradecem aos diretores do circo, sua cor agia como marcador determinante na linha entre o conhecimento aceito e o subalterno.

Das margens à margem, as trabalhadoras domésticas pretas, por mais que tenham direitos trabalhistas garantidos por lei, carregam as cicatrizes das chibatadas que atingiram seus ancestrais. As senzalas modernas são os *quartos de empregadas*, dentro de apartamentos bem avaliados dos grandes centros urbanos. Nesse contexto, a exemplo, ao realizar um ensaio fotográfico sobre os *quartos de empregada*, Taba Benedicto refletiu que,



Em outro apartamento nos Jardins, encontrei uma das funções mais comuns reservadas atualmente à dependência de empregada e ao banheiro, com a pia, o vaso e o chuveiro disputando a área minúscula: os dois espaços viraram um depósito de tudo (ferramentas, tranqueiras, mantimentos, materiais de limpeza). O quarto e o banheiro se transfiguraram em “cantinhos da bagunça”, onde se junta tudo que não deve ser exposto ao olhar das visitas. (BENEDICTO, 2022).

O chamado *quarto de empregada* é um espaço secundário e, geralmente, fica em lugar da casa anexo à cozinha e longe de onde a vista das visitas alcançam. É um cômodo que demarca o poder. Mal ventilado ou sem janelas, é separado dos ambientes comuns da residência e lá são despejados objetos que não se quer deixar as vistas, como vassouras, baldes, bicicletas... Entre esses objetos as trabalhadoras domésticas também são despejadas. Seu oposto seria a sala de visitas, como ilustra em seu texto Carolina Maria de Jesus,

...Um dia apareceu aqui na favela uma preta que disse chamar Vitoria. Veio com um menino por nome Cezar. A preta disse-me que era empregada de Dona Mara, que dança na Boite Oásis na Rua 7 de Abril. Para eu emprestar-lhe um caderno de poesia e ir procurá-la na Avenida São João. A preta disse-me que estava estudando musica no Conservatorio Dramatico Musical. Quem indicou o meu barraco para a preta foi a Florenciana. Ela deu-me este endereço: Avenida São João 190, 82 andar apartamento 23. O que deixou-me preocupada foi o prédio ter 82 andar. Ainda não li que São Paulo tem prédio tão elevado assim. Depois pensei: eu não saio do quarto de despejo, o que posso saber o que se passa na sala de visita? Com a insistência da Florenciana, eu emprestei. (JESUS, 2014, p. 68).

A comparação entre esses quartos e as senzalas não é por acaso. De acordo com Leonardo Sakamoto,

Metade das pessoas resgatadas do trabalho escravo doméstico no Brasil está em capitais de estados. É o que apontam os dados de 2021 e 2022 do Ministério do Trabalho e Previdência. Nesse período, foram registrados 38 casos, dos quais 19 em capitais. As capitais com resgates de trabalhadores foram Salvador (7 trabalhadores), Rio de Janeiro (6), São Paulo (3), Belém (1), Cuiabá (1), Natal (1). [...] o UOL noticiou o resgate de uma mulher de 84 anos resgatada de condições análogas às de escravo após 72 anos trabalhando como empregada doméstica para três gerações de uma mesma família no Rio de Janeiro. (SAKAMOTO, 2022).



Por mais que, pontualmente, casos de resgate de mulheres, trabalhadoras domésticas pretas, que estão em condições de trabalho análogas a escravidão apareçam na grande mídia, nunca foram motor para tanta revolta. Revolta essa inflada, talvez, pelas redes sociais, que fez com que algumas pessoas fossem à porta de Margarida Bonetti armados de ofensas e celulares para atrair curtidas. É a espetacularização da barbárie.

De acordo com o artigo 149 do Código Penal “reduzir alguém à condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto.”. A pena, nesse tipo de caso, é de reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência. Os elementos que determinam a essa forma de escravidão contemporânea são: sujeitar alguém a trabalho forçado; servidão por dívida; condições degradantes; jornada de trabalho exaustiva.

Margarida Bonetti e as outras *patroas* citadas no *podcast A Mulher da Casa Abandonada* cometeram todos os atos descritos acima. E, quando colocadas frente a frente com a lei, por meio de denúncias anônimas, se eximiram da culpa argumentando que as mulheres pretas resgatadas de suas casas “*eram como se fossem da família*”²⁰. Estariam essas mulheres, então, presentes no testamento e na divisão de bens da família branca?

É necessário, portanto, como uma forma combativa as raízes persistentes da *Colonialidade* e suas faces, que haja um exercício cujo objetivo seja a *Decolonialidade*.

²⁰ “A convergência entre domicílio de trabalho e de moradia é um fenômeno antigo na realidade brasileira e que apresenta características que o tornam pleno de contradições. Se, por um lado, as trabalhadoras que residem no domicílio em que trabalham apresentam maior escolaridade, permanecem mais tempo no emprego, possuem maiores taxas de formalização, por outro vivenciam uma relação de pouco profissionalismo e, em geral, de muita exploração entre trabalhadoras e empregadores. Este modelo de vínculo levou à construção de representações, tão comumente percebidas nas relações entre as trabalhadoras domésticas e seus empregadores, da doméstica “como se fosse da família” ou “quase da família”. Ao traduzir as relações de trabalho em termos afetivos relativos à esfera do parentesco, esses eufemismos escamoteiam relações de poder e de desigualdade que permeiam aquelas e enfraquecem a luta pela garantia dos direitos trabalhistas destas trabalhadoras. Somam-se a isso as potencialidades deste tipo de vínculo na configuração de um cenário de exploração e precariedade, uma vez que as trabalhadoras-moradoras estão, por exemplo, permanentemente à disposição do trabalho, tendo jornadas extensas e indissociáveis da sua própria existência no domicílio.” (IPEA, 2011, p.11).



Para isso, faz-se necessário partir da *Teoria Descolonial*²¹. De acordo com Cristina Borges e Paulo Agostinho Nogueira Baptista,

Tomamos a teoria descolonial como crítica, que nos permite entender situações de opressão enquanto aspectos estruturais da sociedade moderna, organizada em torno do padrão mundial de poder: o capitalismo. [...] A perspectiva descolonial descentra narrativas dominantes – eurocêntricas - a partir da desconstrução das perspectivas históricas e epistemológicas que concebem a modernidade enquanto fenômeno exclusivamente europeu. Não deixa de ser o comprometimento político com a crítica ao colonialismo e, por tabela, ao imperialismo, bem como ao discurso eurocêntrico. (BORGES; BAPTISTA, 2020, p. 23).

Essa crítica a uma compreensão de mundo e de conhecimento dominante que foi amplamente difundida permite uma inversão no mapa imaginário que sempre colocou o Norte hierarquicamente acima do Sul. Nessa inversão, o Sul não busca se colocar acima do Norte, senão apresentar também suas perspectivas e epistemologias, a tempos silenciadas e cerceadas. Fazendo um paralelo no caso do *podcast*, a partir do momento em que a empregada doméstica, colocada em condições de trabalho análogo a escravidão pode ser ouvida e legitimada, sua verdadeira condição foi revelada e ela pode ser resgatada, tanto de sua escravizadora quanto das próprias algemas colocadas em seu interior. Nesse contexto,

[...] as novas epistemologias questionam o paradigma moderno, desmascaram os interesses coloniais presentes nele e buscam pensar a partir de outra lógica, ou seja, que a ciência é uma produção histórica, contextual e coletiva e deve servir à verdade e ao interesse público, à qualidade de vida para todas e todos, incluindo os seres vivos e não vivos, começando por quebrar as estruturas dominadoras, opressoras e destruidoras das condições socioambientais, em grande parte produzidas a partir de interesses econômicos e políticos. (BAPTISTA, 2018, p. 106-107).

Evidenciando-se a compreensão de que “a decolonialidade se arma a partir do espaço em que ela foi negada pela modernidade e suas pretensões críticas. (MIGNOLO,

²¹ Não se encontram nos dicionários os termos “descolonial” e nem “decolonial”, apenas o verbo “descolonizar”. O neologismo decolonial, criado pelo Grupo M/C, sem o “s”, quer demarcar a diferença entre a proposta desse Grupo e “a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria” (BALLESTRIN, 2013, p. 108).



2003, p. 51), faz-se necessário ir às margens, ouvir as margens e valorizar as margens. Partir da condição daquele e daquela que carregam as marcas da *Colonialidade* e de suas faces. É preciso voltar-se ao Sul, estudar suas epistemologias e questionar todo o conhecimento que foi imposto. A modernidade exige pensamento crítico e a não subserviência. E é preciso que, cada vez mais, outras Mari sejam punidas pelos seus crimes.

Considerações Finais

Este artigo teve como pretensão responder a seguinte questão: como se articulam as questões da *Colonialidade do Poder, Ser e Saber* e o caso retratado no *podcast A Mulher da Casa Abandonada*? E, para tal, foi necessário apresentar definições relativas aos termos *Colonialidade do Poder, Colonialidade do Ser e Colonialidade do Saber*, bem como de Epistemologias do Sul e Decolonialidade. As definições desses termos perpassaram autores como Nelson Maldonado-Torres, Aníbal Quijano e Walter Dignolo, grandes expoentes dos estudos relativos a esses temas.

Os povos originários de Abya Ayala e os povos do continente africano, dada uma compreensão de mundo por opostos, tipicamente dos europeus invasores, foram reféns da *Colonialidade* e suas faces, como *Poder, Ser e Saber*. Vítimas dos mais diversos crimes e genocídios, dentre eles o genocídio epistêmico, esses dois povos tem em comum a característica de serem os grupos focais das Epistemologias do Sul. Essas, por sua vez, visam fazer uma inversão e colocar o Sul como protagonista de sua própria história, a tempos criada e disseminada pelo Norte. Esses dois marcos geográficos - Norte e Sul - foram criados intencionalmente para demarcar poder e hierarquia entre um povo que acreditava ser superior em todos os aspectos - Norte, próximo ao céu cristão - a outros - Sul, próximo ao inferno cristão. E todo esse contexto de oposição, submissão e hierarquia típico do século XIX lança suas raízes agora no século XIX, como visto no caso narrado no *podcast A Mulher da Casa Abandonada*.

As Teorias Descoloniais - ou Decoloniais - por meio da ênfase nas Epistemologias do Sul, coloca justamente os sujeitos que vêm das margens e estão às margens nos caminhos possíveis para que possam se soltar das algemas coloniais que insistem em lhes prender. Ao passo que, exatamente por dar às construções do Sul suas



devidas importâncias, propicia um senso crítico e postura combativa necessária para que os sujeitos possam se decolonizar. Ao articular a questão da *Colonialidade* com o caso retratado no podcast pano de fundo desse texto, fica evidenciado que, por mais que exista uma lei para garantir os direitos dos sujeitos, a oposição branco/preto ainda é um forte pilar sobre o qual se alicerça a sociedade brasileira. Caberá, portanto, um exercício contínuo de decolonialidade para que seja possível o apodrecimento das raízes da compreensão de um mundo permeado por opostos. Isso para que possam desabrochar as flores das Epistemologias do Sul, que não puderam germinar em tempos da hegemonia do Norte.

Referências Bibliográficas

AJAYI, J. F. Ade. **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília : UNESCO, 2010

ALMEIDA, Eliene Amorim; SILVA, Janssen Felipe. Abya Yala Como Território Epistêmico: Pensamento Decolonial Como Perspectiva Teórica. **Revista Interterritórios**, n. 1, Caruaru, 2015, p. 42-64.

A MULHER DA CASA ABANDONADA. Chico Felitti. Folha de São Paulo, jun. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=6785479244c848e3>.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt>. Acesso em 21 de mar. 2023.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Pensamento Decolonial ,Teologias Pós - Coloniais E Teologia Da Libertação. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte,v.48, n.3, p. 491-517, 2016, set /dez.

BENEDICTO, Taba. **QUARTO DE ESQUECER - Um ensaio fotográfico sobre as dependências de empregadas**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/quarto-de-esquecer/>. Acesso em 22 de mar. 2023.

BORGES, Cristina. **Colonialidade do Ser e Sustentação do Racismo: Entendimento à Luz de Néelson Maldonado-Torres**. VI Congresso de Desenvolvimento Pessoal, 2018, p. 2261-2268.

BORGES, Cristina. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Entender o passado e falar do presente: aportes a um Ensino Religioso descolonizador e pós-colonial. **Numen**:



revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 23, n.2, jul./dez. 2020, p. 21-38.

CAVALLO, Gonzalo Aguilar. Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada. **Estudos Avançados**, n. 34, 2018.

COSTA, Joana Simões de Melo; BARBOSA, Ana Luísa Neves de Holanda; HIRATA, Guilherme. **Efeitos da Ampliação dos Direitos Trabalhistas Sobre a Formalização, Jornada de Trabalho e Salários das Empregadas Domésticas**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília : Rio de Janeiro, 2016.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

FANTÁSTICO. **Fantástico mostra novos detalhes da história de Margarida Bonetti, a 'mulher da casa abandonada'**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/08/07/fantastico-mostra-novos-detalhes-da-historia-de-margarida-bonetti-a-mulher-da-casa-abandonada.ghtml>. Acesso em 18 de mar. 2023.

FIGUEIREDO, Angela. **Classe média negra: Trajetórias e perfis**. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/19350/1/Classe%20Media%20Negra_RI.pdf. Acesso em 22 de jul. 2023.

GÓMEZ-QUINTERO, Juan David. La colonialidad del ser y del saber: la mitologización del desarrollo en América Latina. **AGO.USB Medellín-Colombia**, v. 10, n. 1, 2010, p. 87-105.

IPEA. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em 19 de jul. 2022.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 22, 2014, p. 935-952.

MACEDO, Gabriela. BRITO, Letícia. **Mais de 200 trabalhadores são resgatados em condições análogas à escravidão, em Goiás**. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2023/03/17/mais-de-200-trabalhadores-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-goias.ghtml>. Acesso em 19 de mar. 2023.



MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, 2008, p. 71-114.

MALDONALDO-TORRES, Nelson . Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007.

MENESES, Gerson Galo Ledezma. Novos Olhares Sobre a História de Abya-Yala (América Latina): A Construção dos "Outros", A Colonialidade do ser e a Relação com a Natureza. *In*. **Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais / Projeto Globais - Colonialidade, Saberes Subalternos**. São Paulo: Editora Humanitas, 2003.

OLIVA, Anderson. **As faces de Exu: representações européias acerca da cosmologia dos orixás na África Ocidental**. Disponível em: https://upis.br/biblioteca/pdf/revistas/revista_multipla/multipla18.pdf. Acesso em: 20 de jul. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala – Tensões de Territorialidades. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231>. Acesso em 20 de mar. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad Del Poder, Globalización y Democracia**. Disponível em: <https://www.rrojasdatabank.info/pfpc/quijan02.pdf>. Acesso em 19 de mar. 2023.

SAKAMOTO, Leonardo. **Metade dos resgates de trabalho escravo doméstico ocorre em capitais**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2022/05/15/metade-dos-resgates-de-trabalho-escravo-domestico-ocorrem-em-capitais.htm#:~:text=Metade%20das%20pessoas%20resgatadas%20do,dos%20quais%2019%20em%20capitais..> Acesso em: 20 de jul. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition**. Nova Iorque: Routledge, 1995. p. 479-519.

SILVA, Fabrício Pereira; BALTAR Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do Saber, Dependência Epistêmica e os Limites do Conceito de Democracia na América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.12 n.1, 2018.

SOARES, Elza. A carne. Universal Music: 2002. 4 min.



STREVA, Juliana Moreira. Colonialidade do ser e Corporalidade: o Racismo Brasileiro por uma Lente Descolonial. **Revista Antropolítica**, n. 40, Niterói, p.20-53. 2016.

VENTURA, Manoel. **Guedes diz que dólar alto é bom: "empregada doméstica estava indo para Disney, uma festa danada"**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>. Acesso em: 18 de jul. 2022.